

Documentos fundadores do Arco Maior (nº4)

Arco Maior, uma «não-escola» para «não-alunos»

Antero Afonso¹

Introdução.

Quando recebi a indicação de que ia participar nesta sessão, e ao dar início à sua preparação, lembrei de uma cena passada com Karl Popper. Um dia, entrou na sala de aula e ordenou aos seus alunos que pegassem no caderno e no lápis e dessem início à observação. Após os primeiros instantes, perguntaram-lhe o que é que deveriam observar, observar o quê? Ele deve ter sorriso porque o seu propósito era mostrar-lhes que o ato de observar, como fase do processo de investigação, não era isento e eles tinham acabado de produzir a melhor justificação. Os alunos solicitavam que os condicionasse, balizando o campo das possibilidades.

Em certa medida, foi assim que me senti, como os discípulos de Popper. Para falar desta experiência, quais os elementos que devo seleccionar e sobre os quais incidir a análise e a exposição?

Seleccionar uma parte da realidade e omitir outra é o risco da selecção e eu estou consciente dela. Mesmo quando olhamos para a mesma parte da realidade, fazemos apreensões distintas. Como Gedeão alertava, o que para uns são as pedras pisadas, para outros são gnomos e fadas, num halo resplandecente. Onde Sancho vê moinhos, D. Quixote vê gigantes.

O Arco Maior é o meu ganha-pão, assegura-me o emprego, estimula as minhas emoções, alimenta a minha autoestima, permite-me desenvolver afetos, criar interações, descobrir realidades que me estimulam. Terei tendência para ver cores do mais perfeito matiz, onde outros poderão descobrir luto e dores.

¹ Professor destacado no Arco Maior, desde o seu início. Comunicação apresentada no AE de Alexandre Herculano, no dia 16 de abril de 2015, num seminário sobre «Combater o absentismo e o abandono escolar»

«Um animal com fome», escreve Katz, «divide o seu meio circundante em coisas comestíveis e incomestíveis. Um animal em fuga vê caminhos por onde se escapar e sítios para se esconder. Falando em termos gerais, os objetos mudam de acordo com as necessidades do animal.»

A estas limitações junta-se uma terceira cuja dimensão é temporal. Vamos conversar sobre os primeiros passos de uma criança que ainda se encontra no útero materno. Seis meses não asseguram ainda o prematuro. Valerá a pena, porventura considerar as condições e o estado em que a mulher grávida está a desenvolver o trabalho de parto, o meio em que se move, os cuidados de saúde que lhe foram assegurados, as ilusões que deposita no porvir.

É na mãe que tudo começa.

O projeto – O Arco Maior – a fase preparatória

Desde o momento da sua conceção (2011) este projeto mudou imenso, em praticamente todos os domínios.

Mudou na faixa etária dos jovens que pretendia abranger; mudou no enquadramento legal em que iria sustentar a certificação; mudou nas metodologias que julgávamos dever aplicar; mudou nos contextos em que a aprendizagem se deveria adquirir e as competências se deveriam desenvolver; mudou nas expectativas e na disponibilidade dos recursos. Mudou na proposta de seleção de formadores. Mudou na filosofia de integração.

A única constante foi o propósito de construir para «não alunos», como eram definidos os jovens a quem nos direcionávamos, uma «não escola» fosse isso o que quer que fosse. A escola, no sentido mais profundo e enraizado que temos, no nosso modo de a pensar e de nela agir, tinha sido parte do problema e manifestado ser incapaz de comportar uma resposta de integração para esta população específica.

Retenhamos esta ideia: definimo-nos como uma «não escola», projeto que visava servir de ligação entre os jovens em situação de abandono escolar e o tecido educativo, social e profissional onde se poderiam inserir.

Haveria lugar, assim, ao desenho de uma formação que fosse capaz de desenvolver competências que permitissem que os jovens integrassem espaços sociais (escola, emprego, voluntariado, estágio, etc.) à medida que fossem considerados aptos por nós e as oportunidades surgissem.

As derivas no processo de implementação do Arco

Uma questão de natureza mais formal e uma outra mais substantiva acabaram por produzir a primeira deriva nos nossos propósitos. Formalmente, o MEC não reconhecia que jovens até aos 18 anos pudessem estar em situação de abandono. Tinham acabado de lançar os Cursos Vocacionais, tinham acordado com o Ministério do Emprego, Solidariedade e Segurança Social, verbas avultadas para o seu financiamento, logo, não fazia sentido lançar um programa concorrente com o mesmo propósito, combater o abandono escolar precoce, para os jovens até aos 18 anos.

Ficamos com o encargo de apresentar à tutela um grupo de jovens, concreto, com idade entre os 18 e os 24 anos, com percursos de abandono escolar, para os quais não houvesse resposta educativa disponível. Essa lista seria o salvo-conduto que permitiria dar início ao projeto e justificar a intervenção do Arco. O trabalho foi feito e a lista entregue com 27 jovens que seleccionámos da lista inicial que justificou o lançamento do projeto. Ficávamos inibidos de aceitar jovens com idade inferior a 18 anos, porque para esses havia resposta, ainda que essa resposta fosse controversa e pouco visível, no dizer pouco avisado de quem com eles lidava.

A segunda deriva prendeu-se com o modo de obtenção, no Arco, de uma certificação escolar de 6.º ou de 9.º ano, conforme os casos. A solução encontrada, em diálogo permanente com o MEC, foi um EFA B2+B3 de certificação escolar. Comprometíamos mais uns quantos propósitos do projeto, mas assegurávamos o veículo necessário para o reconhecimento oficial da formação.

O contexto permitiu, então, reajustar e focar a nossa Missão: Promover a educação, a certificação escolar e a integração escolar e social de jovens com percursos de abandono escolar.

Deixávamos em aberto a baliza etária, porque tínhamos nascido como projeto para dar resposta a jovens sinalizados pelas CPCJ, por definição com idades inferiores a 18 anos. E, em razão da evolução do abandono escolar e do grau de sucesso dos Cursos Vocacionais, poderíamos voltar, ou não, a estruturar uma resposta nesse domínio.

Os princípios que deveriam nortear a ação pedagógica, na «não escola» de que falamos inicialmente, com a condicionante EFA, foram ajustados e assentariam, doravante, em cinco áreas curriculares (LC, MV, TIC, CE, LE), em torno de duas aproximações a uma «vocação», Restauração e Restauro, e com abordagens complementares nos domínios das artes. A capacidade de gerir horários compatíveis com as duzentas horas de formação por área curricular obrigava a novos ajustamentos e exigia do corpo de formadores grande versatilidade e muito trabalho comum.

Os meios disponíveis para dar início ao trabalho

Entraram em discussão, os recursos. Tínhamos afirmado que para trabalhar com estes jovens deveríamos ter acesso ao que de melhor e de mais moderno estivesse disponível em termos de instalações e equipamentos. As instalações deveriam ter uma chancela dupla: qualidade e localização (para que a imagem de gueto fosse afastada). A possibilidade de termos a dispor de instalações adequadas, em plena avenida da Boavista, com equipamentos conformes encheu-nos de fundadas expectativas. Escrevemos então no nosso reduzido Projeto Educativo - uma única página A4 - em Recursos: Edifício da Santa Casa da Misericórdia do Porto (SCMP), na Avenida da Boavista, n.º 243, no Porto.

Havia que reunir com os potenciais docentes e formadores, efetuar o levantamento das necessidades de formação, promover programas de formação e motivar os candidatos para o início das atividades.

Neste entretanto fomos instados a dar início à formação no início do ano letivo 2013/2014, impreterivelmente.

A realidade dava sinais de não conformidade com as nossas expectativas e os constrangimentos puderam ser elencados:- O edifício na Avenida da Boavista não

estava pronto, nem as obras haviam sido iniciadas; - Os equipamentos a adquirir estavam dependentes das instalações; - Os docentes iam ser mobilizados para o projeto, sem entrevista prévia conosco, mas com a melhor atenção da direção do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas, ao qual o Arco Maior ficaria «agregado» para efeitos desta afetação de docentes, inscrição de jovens e certificação; - As instalações provisórias seriam as do edifício sito ao Largo da Paz, onde as condições eram precárias, mas as possíveis; - A formação em contexto tinha de ser repensada porque não era viável a formação em Restauração, por inexistência de Cozinha; - Para Restauo precisávamos de encontrar os equipamentos mínimos e os materiais que possibilitassem o trabalho; - As salas de formação não tinham qualquer tipo de equipamentos, nem básico nem específico; - Os jovens não possuíam qualquer tipo de material e nós não possuíamos meios para lhes facultar; - Os docentes foram disponibilizados para o projeto, sem que fosse possível conciliar horas comuns para trabalho em equipa; - Tínhamos de encontrar uma solução para assegurar a alimentação dos jovens, como alternativa à inexistência da Cozinha e os meios financeiros para lhes pagar o passe de transporte mensal;

Era este o cenário de partida.

Quando os acontecimentos reclamam o surgimento de figuras

Neil Armstrong ficou conhecido pelo facto de ter sido o primeiro ser humano a pisar a lua. Dos outros, poucos se recordam.

Edward Smith ficou famoso porque era o comandante do Titanic, que naufragou. Se a viagem de Queenstown até Nova Iorque tivesse decorrido com a normalidade que era esperada hoje ninguém recordaria a existência de Edward Smith.

São os momentos difíceis que fazem ressurgir as figuras que dão corpo e sentido às coisas e se associam ao êxito ou ao fracasso. Aqui não foi diferente. Utilizo esta abordagem para sublinhar os traços que me parecem essenciais para o sucesso do empreendimento. Alerto para a singularidade e as especificidades, pelo que não se trata de propor nenhum tipo de exportação, nem de criar juízos valorativos sobre outros processos ou outras experiências.

O avô sonhador

A figura do avô sonhador, que acredita que os milagres acontecem e que os impossíveis demoram um pouco mais de tempo a concretizar, foi determinante para que o Arco não sucumbisse. Armado de uma convicção que lhe vem sabe-se lá de onde, removeu as inércias institucionais, motivou as tropas e lançou uma campanha nacional de solidariedade da qual resultou o pão e a rosa. Ao cabo de vinte dias, após termos iniciado as atividades, surgiram cadernos, lápis, canetas e borrachas, pastas de arquivo e separadores, micas e bolsas individuais em quantidades suficientes para os nossos vinte jovens (redimensionamos os grupos à luz do espaço e condições disponíveis). Ao cabo de trinta dias, a impressora, o papel, os quadros para registrar e anotar e todas aquelas coisas básicas cuja verdadeira utilidade só percebemos quando faltam, como o respirar. Para nós, no terreno como se diz, cada um destes dias transformava a aflição numa esperança. Este movimento de solidariedade despoletado pelo avô sonhador, gratificante e plural, foi determinante para conseguirmos manter o Arco de pé.

O avô sonhador era Pinduca, aquele menino negro que se vestia a rigor, todos os dias, para ir esperar o comboio na estação onde ele nunca parava, mas Pinduca não desarmava e todos os dias se vestia a preceito para renovar a sua fé. Um dia ele, o comboio, haveria de parar. Perseverança, crença, dinâmica e muita convicção animavam o avô sonhador, que sorria. O comboio abrandava e alguma bagagem era atirada pelas janelas. Nós agradecíamos e aproveitávamos.

A mãe galinha

Foi outra figura determinante. A mãe que não larga os seus meninos, que vela na doença e na cura, que os alimenta e deles se alimenta. Que os protege e aconselha, mesmo quando o retorno é minguido. O domínio da proximidade afetiva, da proteção, o telefonema diário para que despertem para a vida, a pergunta pelo que faz falta, pelo tempo que demoram a chegar. O domínio do toque, da confiança, da cumplicidade, muitas vezes, para lá do que seria suposto. O bolo de aniversário, em todos os aniversários, o cuidado na mesa posta todos os dias, o arranjo da jarra em que ninguém parece reparar, o enfeite na entrada, o pormenor que cria a diferença,

a qualidade e o requinte das pequenas coisas. A proximidade que cria identidade e consolida a unidade do grupo.

O tio excêntrico

O que se recusa a ocupar a figura do pai, mas que constrói uma outra dimensão da relação, mais baseada na surpresa e menos no esperado, com mais cumplicidade e menos afetividade, que racionaliza e que desconstrói, que baralha os pressupostos, os equaciona, os desequilibra, em busca de um outro equilíbrio, de outras janelas de onde se possa olhar o mundo. É o domínio da carta que se escreve, como se fossemos parentes afastados. A poesia que se lhes oferece como se fosse lógico. A conversa de sofá, sem chá das cinco. Ou o passeio na cidade para que a chuva nos lave e o granito nos pegue. O elogio, merecido mas inesperado, talvez tenha sido, de todas a maior excentricidade de que o supunham capaz.

A excentricidade como alternativa ao percurso marginal.

Os artistas convidados

Os artistas convidados (vindos ao AE de Rodrigues de Freitas) trazem cada um a sua arte, iludindo o quotidiano, preenchendo-o com palavras e saberes, coisas recusadas outrora, agora com novas roupagens e outras medidas. São pessoas em busca da sua própria felicidade, num deserto tão profundo e com tanta falta de sentido. Que reinventam formas de trabalhar, num espaço onde constituem o último recurso e onde sabem que não podem deitar mão da velha narrativa que se alimenta da «falta de bases», da «falta de empenho», da «manifestação de desinteresse», porque esse é o nosso objeto de trabalho. Que não podem expulsar o aluno mal-educado, que não o podem mandar abandonar a sala. São artistas porque criam coisas novas e sofrem como qualquer artista que se preze. Vieram animar a festa e começam a ficar animados com a festa.

O profissionalismo e o empenho como elementos estruturantes da imagem a construir.

O elenco principal

São eles, os que normalmente estorvam, que dão sentido a tudo isto. Transportam consigo todos os indícios de todos os fatores que justificam o abandono. Uns, com dificuldade de concentração, outros com dificuldade em sossegar num espaço por mais que dez minutos, outros com défices de cognição, uns tantos portadores de violência e os que são consumidores também lá estão. E as famílias pobres encostadas ao rendimento social de inserção, ou as que navegam na intermediação da agiotagem, ou os casos em que a violência é detetável, como vítimas ou como autores, e em muitos a crença de que o percurso se faz de tudo isto, com gangues à mistura e as comunidades de vizinhos onde o tráfico é modo de vida e a violência é modo de sobrevivência. São ilustrações que comprovam a veracidade de algumas teorias.

São rapazes e raparigas que nos encham ora ânimo, ora de desânimo, às vezes no mesmo dia e em vários momentos do próprio dia. Uns que insistem e outros que desistem. Que mentem porque a mentira é uma forma de vida e que roubam porque nem sempre o rendimento chega para coisa nenhuma. São rapazes e raparigas que ouvem todos os dias alguém dizer que vivemos acima das nossas possibilidades.

São jovens que reclamam uma entrega a tempo inteiro, porque o tempo nunca chega para o que é mais importante. Que nos criam a ilusão de conquista e logo nos abalam os alicerces e as certezas que tínhamos acabado de dar por adquiridas.

Às vezes, num caso sem exemplo, aceitam um contacto nosso com a família ou com a parte da família que é possível. E a nossa compreensão ganha outros contornos, o nosso fôlego volta a ser alimentado.

O melhor e o pior, de mãos dadas.

Selecionei alguns momentos para ilustrar o modo como trabalhamos, os princípios que defendemos e aplicamos.

A festa de natal

A festa de natal reuniu os ingredientes que devem merecer a nossa atenção. Objetivos de curto prazo, exequíveis. O envolvimento das áreas disciplinares, as aprendizagens em contexto, o trabalho artístico, a palavra como suporte a novas descobertas. O objetivo da festa era reunir um conjunto de pessoas que estavam a

ser significativas para o projeto e proporcionar-lhe uma festa de natal com a matéria-prima que eramos nós mesmos, os habitantes do Arco.

Nas áreas disciplinares adquiriram conhecimentos e desenvolveram competências que lhes eram fundamentais para que o trabalho tivesse sucesso.

Em Artes e Ofícios e em Aprender com Autonomia iniciaram a abordagem à escultura, com apoio do Restauro. A árvore de natal, estilizada e profundamente simbólica, teve dimensões plurais, desde o trabalho de pesquisa, escolha e estilização até aos elementos de decoração. O *hall* de entrada foi preenchido com retratos, elementos de identidade de cada um dos jovens com frases que combinavam o trabalho realizado em Linguagem e Comunicação e com a imagem trabalhada em Tecnologias. Em Cidadania abordaram modos de ser e de estar alternativos ao seu quotidiano, passando pelo trabalho que cada um desenvolveu nos modos de dizer e de sentir e na relação com as palavras de outros, todos poetas. Definiram critérios para a distribuição dos convidados e deles próprios pelas mesas e aplicaram-nos à realidade., salvaguardando que em todas as mesas eles estariam representados. Em língua estrangeira desvendaram os elementos que identificam culturas diferentes e construíram artefactos com os quais outros povos vivenciam o natal em outras paragens. Fizeram pesquisas e elaboraram as listas com a composição das mesas, a legendagem de fotografias, a ementa, os textos de suporte aos acontecimentos. Em matemática para a vida precisavam de trabalhar as áreas e as superfícies, a distribuição dos espaços que nos haveriam de conduzir às futuras instalações, pelo que havia trabalho complementar que não foi descurado. Em Pastelaria, num protocolo com o SAOM, confeccionaram delícias gastronómicas para sobremesa. E aprenderam a compor uma mesa, a decorá-la com sensibilidade e bom gosto, a distribuir os elementos básicos e a ter noção de espaço e de partilha. A refeição foi confeccionada por alguns deles com supervisão atenta e qualificada da Isabel. E depois foi vê-los chegar. E fazer de anfitriões, recebendo os convidados, conduzindo-os aos lugares, fazendo sala, relatando as suas impressões sobre a experiência começada há pouco mais de dois meses. E dirigirem-se para o salão, animando o sarau, com quadras de António Aleixo e teatro de sombras, com palavras de António Gedeão e Mário Henrique Leira, com a colaboração da Casa da Imagem e depois, sem suportes de papel, Adília Lopes, João Habitualmente,

Fernando Pessoa e Matilde Rosa Araújo. Direitos e verticais e orgulhosos dos aplausos. Iludiram-nos. A diretora do AERF perguntava se eram jovens problemáticos, porque lhe pareciam excelentes. A Diretora da DGESTE rendia-se aos envolvimento e queria alargar a experiência, os convidados davam-lhe as felicitações. O acordar só podia ser difícil porque a continuidade podia tornar-se no primeiro pesadelo.

As assembleias gerais

A negociação é realizada com eles todos os dias. Uma vez por semana há Assembleia Geral onde debatemos tudo o que houver para debater. São momentos complexos de construção da Cidadania, porque existem poucos hábitos de conversa, de exposição articulada, de negociação, de interiorização da diferença, de construir consensos através da razão. Mas é aqui que se constroem as nossas regras. A regra, para estes jovens, por norma, é para ser violada. É assim que se afirmam e subsistem. Porém, quando produzidas por eles são mais fáceis de respeitar e o seu cumprimento é por eles escrutinado. Dou-vos um exemplo. Definiram limites para a questão da assiduidade e definiram uma norma: mais do que x faltas por mês, justificava que o formando não tivesse direito ao título de transporte mensal. E, de facto, mensalmente analisamos o mapa de assiduidade e agimos em conformidade. Os prevaricadores passam a ter direito a um título de transporte diário por dia completo de formação realizada. Fica-nos mais caro se ele passar a ser assíduo, mas o custo de oportunidade educativa associado é muito mais elevado. Para nossa surpresa, o modelo está a funcionar e novas preocupações passaram a fazer parte do quotidiano dos alunos mais faltosos.

Foi em Assembleia que definiram connosco os princípios que justificam a atribuição do prémio mensal: assiduidade, pontualidade, linguagem adequada, relação com os outros e organização dos materiais. Em grupo analisam as evidências, validam ou rejeitam propostas e determinam os que têm direito a prémio.

É igualmente em Assembleia que determinamos o que avaliar, que damos retorno dos resultados de todos os processos de avaliação e os discutimos.

Às vezes corre mal, entendamo-nos. Isto não é a Assembleia da República nem a Assembleia Geral de uma instituição bancária. Já tivemos momentos muito complicados, mas a vida também não é simples.

Os processos de construção da autonomia

Sempre que possível investimos em processos de responsabilização individual. Promovemos a saída gradual destes jovens para atos e contexto de integração social. Obtivemos a colaboração da diretora do AERF que recebeu uma delegação de três jovens do Arco Maior cuja incumbência era negociar um protocolo para a realização de aulas de Educação Física no espaço do Agrupamento, com contornos definidos em Assembleia. Cumprido este objetivo com sucesso, demos um outro passo. A responsabilização, em Assembleia, do trio responsável pela negociação inicial, pelo comportamento de todos os envolvidos nas atividades. Acompanhados por nós, apenas na primeira sessão, vêm dando conta do recado, aqui e ali com apontamentos a exigir retificação e pedidos de desculpa, mas sem termos ainda inviabilizado a iniciativa.

O protocolo com a ModaTex, efetivado neste mês de abril, veio recolocar a importância das aprendizagens em contexto. Motivação, empenho, rigor e comportamentos adequados foram a tônica. Valeu a pena vê-los em atividades de corte e de costura, compenetrados e rigorosos, a produzirem bolsas para telemóvel, carteiras para a praia, aventais para o Arco e o quadro simbólico para memória futura.

Expectativas iniciais e atuais

Dois indicadores, que apesar de frágeis são significativos: atualmente, uma parte relevante destes jovens declara ter interesse em dar continuidade aos estudos; ou estudar ou trabalhar, conforme o que surgir primeiro. Uma minoria quer apenas trabalhar. A confrontação com os dados de entrada em que a escola era vista como algo a evitar a todo o custo, não deixa de ser gratificante.

Um segundo dado é a assiduidade e o contexto em que ela ocorre. Fruto do contexto em que desenvolvemos o projeto, fomos obrigados a ter muito mais formação em sala de aula do que o pretendido. Tem constituído, alguma, surpresa o

modo como estes jovens têm aceitado este ajustamento ao projeto inicial e assegurada a sua assiduidade. Hoje, felizmente, estamos já numa outra fase e com novos desafios: interligar as aprendizagens curriculares com as áreas ocupacionais.

Alguns elementos distintos,

Para dar algum contraponto à minha narrativa, seleciono o mês de março de 2014, a título de exemplo, porque foi maldito.

Tivemos um jovem que se dirigiu ao Arco com o seu equipamento de Pastelaria na mão, procedeu à sua devolução e anunciou que ia de abalada para a Holanda, trabalhar na apanha de tomate. Agradeceu o nosso trabalho com ele e que se decidir voltar nos procurará para concluir o 9.º ano. Consumidor compulsivo, fica-nos a esperança de que encontre na Holanda o seu paraíso perdido. Uma baixa inesperada.

Outro, diagnosticado com bipolaridade e que recusa qualquer tipo de medicação era dado por nós como símbolo do Arco. Perturbador, variando ente o negro e o branco anunciava o Arco como a sua casa, o seu porto de abrigo a sua esperança de futuro. No dia do seu aniversário falou da sobrinha, ainda pequena, do seu amor por ela. Nesse mesmo dia caiu o Carmo e a Trindade lá por casa dos pais, com ameaças de morte e de agressão. Enviou texto, em suporte virtual, declarando não ter condições para pensar em mais nada e não voltou a ser o rapaz assíduo e pontual de que nos gabávamos. Tivemos saudade até dos seus momentos de agressividade descontrolada, dos seus registos de má educação a que se seguia a bonança, o reconhecimento do erro, sem pedido de perdão, por questões de princípio. A ausência causa-nos mais dano que a sua presença. Acompanhámos o seu percurso, à distância e, no início deste novo ano letivo, ele voltou. Ganhou várias vezes o prémio de desempenho e vai concluir a sua formação durante o mês de abril de 2015. Pretende prosseguir a formação em curso do IEFP.



Um terceiro caso, a quem foi atribuído prémio de desempenho de dezembro, no mês de Janeiro, que declamou Pessoa com as mãos atrás das costas, que descodificou o poeta com todos os paradoxos que o habitam, deixou-se apaixonar e em nome da paixão roubou não a gargantilha, mas o melhor monitor que possuíamos, obtido no movimento de solidariedade de que vos dei conta. Hoje, continuamos a estudar formas de regularização da situação, sem que ele encontre num outro roubo, a forma de restituição do património comum.

Finalmente, o quarto, que tanto orgulho já nos havia dado, porque parecia um caso perdido, com o seu humor tão diferente de todos a quanto já assistíramos, mas que não abandonava o Arco. Não era pontual, mas era assíduo. Não era trabalhador, mas era empenhado e comprometido. Não era organizado, mas era simpático. Tinha uma lógica que desarmava. O pai, que nunca conhecêramos, entrou no Arco e comunicou-nos que o filho fora detido, para aguardar julgamento em prisão, por facto ocorrido antes de iniciar o trabalho connosco. Chorou como os homens que não têm mais nada a perder e agradeceu o que estávamos a fazer pelo filho. Temos

vontade de dar continuidade ao trabalho, mas em Custóias onde se encontra detido, porque no Arco foi mais um lugar que ficou vago.

Maldito mês de março e a sua anunciada primavera. Quatro baixas!

Em jeito de síntese: ter tempo para os ouvir, possuir uma atitude de questionamento permanente aos nossos pressupostos, resiliência e preocupação centrada na solução, são elementos determinantes do nosso trabalho.

Termino com uma citação de Gustav Schwab, da qual já quase não me lembrava, para nos munir de conforto, nesta travessia em que nos encontramos: «um cavaleiro atravessou um lago gelado e ao dar-se conta do que fizera morreu de susto já na outra margem.»

Antero Afonso

Porto, 16 de abril de 2015